

Crise das bolsas vira tema eleitoral

GAZETA MERCANTIL

26 AGO 1998

Em desvantagem, oposição ataca política econômica; governo diz que isso é bobagem

Roberto de Lira, Katia Brigolini,
Sandra Machado e Patrícia Gomes*
de São Paulo e Brasília

A crise financeira internacional, que assustou os investidores na semana passada, começou ontem a mostrar seus primeiros sinais na campanha eleitoral. O arrefecimento da pressão sobre a economia, depois de dias de dúvidas, ficou restrito ao cenário financeiro. A mudança de ânimos no mercado externo entrou de vez na pauta da campanha, com fôlego para movimentar o debate nos comitês. Oposição e governo passaram o dia se digladiando sobre o assunto.

O primeiro a se pronunciar foi o PT. Depois de se reunir com um grupo de economistas ligados ao partido, na noite de segunda-feira, o candidato da Frente União do Povo Muda Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que segundo o Ibope tem menos da metade das intenções de voto do candidato da situação, Fernando Henrique Cardoso, tentou faturar eleitoralmente sobre a crise. Queria transmitir a imagem de que, ao contrário do que dizem seus adversários, tem equipe e iniciativa para controlar situação semelhante num possível governo petista.

Por isso, Lula reuniu vários economistas do partido para apontar soluções diferentes das adotadas pelo

governo. O economista Guido Mantega, um dos coordenadores do programa de governo de Lula, disse que o modelo adotado pelo presidente deixou o País vulnerável, sujeito a um ataque especulativo contra a moeda, e sugeriu a substituição da equipe econômica. "A mudança é necessária porque o mercado internacional dá sinais de que não confia na atual gestão", argumentou Mantega. O candidato a vice-presidente na chapa, Leonel Brizola, fez

coro: "Manter o quadro atual seria ambição e impatriotismo".

Mantega sustentou que as atitudes dos tucanos deixam claro o desespero diante da situação. "Eles demonstram claro nervosismo, ora Malan anuncia que fará um pacote fiscal, ora desmente. Enquanto um fala em 'torrar' US\$ 10 bilhões em reservas, outro anuncia US\$ 30 bilhões. Isto já pode ser classificado como estouro da boiada", avaliou.

O economista afirmou que as medidas de prevenção adotadas pela equipe de Fernando Henrique são paliativas, podendo até agravar a situação. "Precisamos diminuir a vulnerabilidade da economia e contar menos com os capitais voláteis."

Outro economista presente, Luciano Coutinho, sustentou que "o governo está tentando agir de maneira emergencial, mas está debili-

tando ainda mais as defesas brasileiras". Coutinho disse que isto é alarmante porque acredita que a crise internacional ainda durará muito tempo. Como um cenário plausível para o futuro, ele apontou um enfraquecimento da economia norte-americana em 1999 e uma evolução da crise japonesa para uma recessão maior. "É uma situação endêmica global", definiu Coutinho.

A deputada federal Maria da Conceição Tavares (PT) mostrou-se "extremamente indignada porque o governo vem mentindo sistematicamente à população". Ela lembrou que há um mês o presidente do Banco Central (BC), Gustavo Franco, anunciou que não toleraria a entrada do capital especulativo, nem aceitaria uma renovação menor que dois anos para a "63 caipira", linha de captação de créditos externos para a agricultura. Para a deputada, as medidas do BC anunciado anteontem caminham na direção contrária. Ela sugeriu ainda o controle estatal sobre o mercado e punição aos especuladores para controlar as fugas cambiais.

Com a guerra declarada na front de vices e assessores, o vice-presidente e candidato à reeleição, Marco Maciel, foi acionado pelo Palácio do Planalto para responder. Normalmente discreto em suas opiniões

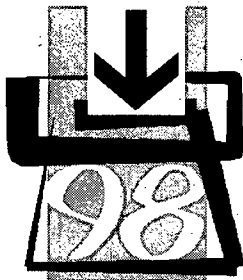
nesta campanha, Maciel aproveitou o lançamento de programas do Brasil em Ação para "comentar" com a imprensa que a equipe econômica se revelou muito competente sob condições difíceis. Com declarações tão evasivas quanto otimistas, Maciel enxergou um lado bom na crise: "Mostra como é competente nosso presidente da República".

Como precisasse de defesa mais incisiva, o governo lançou a campo o coordenador político da campanha de reeleição, Euclides Scalco, e o ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho. Scalco, cutucou a oposição apontando um "descompasso" de opiniões dentro do PT, já que o governador do Distrito Federal, o petista Cristóvam Buarque, teria

aprovado, segundo ele, o modo como a equipe econômica enfrenta a crise. "A oposição quer que o governo lance um novo pacote econômico, mas isso não vai ocorrer."

Carvalho bateu mais forte. "Esse tipo de brincadeira é uma bobagem", disse, referindo-se à proposta dos petistas. "O eleitor é quem vai dizer quem é sério ou não, o governo não vai bater boca." Ele disse que o governo tem obrigação de estabelecer metas no longo prazo, lançando "bases para a sociedade".

* do InvestNews



"A oposição quer que o governo lance um novo pacote econômico, mas isso não vai ocorrer", diz Euclides Scalco